

BURITI, POESIA E SAUDADE EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

PEREIRA, Júnia Cleize Gomes; BORGES, Telma.
Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES
junnicleizer@hotmail.com; t21m1b3rg2s@yahoo.com

Resumo:

Este trabalho é parte integrante do Projeto de Pesquisa “Enciclopédia do grande sertão” e tem como objeto de estudo a palmeira buriti e a saudade presente em *Grande Sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa. Encontramos no referido romance uma espécie de paráfrase da primeira estrofe do poema gonçalvino, quando Rosa também faz uso de uma palmeira para singularizar o sertão. Além dessa intertextualidade, encontramos ainda várias passagens em que a palmeira buriti é usada de maneira poética para falar dos gerais. Comprovaremos por meio de passagens da narrativa de Rosa e de comparações com o poema de Gonçalves Dias que a palmeira, no caso de Rosa, o Buriti, é símbolo emblemático desde o romantismo. Dentre as inúmeras relações que o buriti tem em *Grande Sertão: veredas*, uma delas é a relação com as veredas. Se os personagens sentem saudade de suas veredas, sentem também de suas palmeiras, pois a vereda é o reino dos buritis.

Palavras-chave: Buriti; poesia; saudade; sertão; veredas.

1. A Palmeira Buriti

A palmeira buriti (*Mauritia flexuosa*) é, de longe, o vegetal mais citado em *Grande Sertão: veredas*, cerca de 60 vezes; tem como nomes populares: buriti, carandá-guaçu, carandaé-guaçu, miriti, muriti, palmeira-buriti, palmeira-dos-brejos. O buriti é utilizado para as mais diversas finalidades pelo povo do sertão; dele se obtém abrigo, alimento e até mesmo transporte.

Já no título de *Grande sertão: veredas*, temos a palavra “veredas”, que é uma formação típica da região do cerrado. Ao longo dos brejos ou locais encharcados, forma-se um “caminho” de palmeiras buritis, que só sobrevivem nesse tipo de terreno e que se destacam na paisagem. Sendo assim, verificamos imediatamente a importância dessa formação de vegetação no romance e, conseqüentemente, da palmeira buriti.

Essa palmeira ganha uma pluralidade de significados e símbolos no decorrer da trama; exemplo disso é a comparação do buriti com Diadorim. Riobaldo fala sempre dos olhos de Diadorim, olhos verdes, assim como da natureza e do buriti. Vejamos uma passagem do romance em que fica evidente tal comparação:

Aquela Mulher não era má, de todo. Pelas lágrimas fortes que esquentavam meu rosto e salgavam minha boca, mas que já frias já rolavam. Diadorim, Diadorim, oh, ah, meus-buritizedais levados de verdes... Buriti, do ouro da flor... E subiram as escadas com ele, em cima de mesa foi posto. (ROSA, 2001, p. 614).

Após a morte de Diadorim e diante da tristeza que sentia Riobaldo, este lamenta: “Namorei uma palmeira na quadra do entardecer...” (ROSA, 2001, p. 617). Sobre o desenvolvimento dessa palmeira buriti, Luiz Roncari pontua no livro *O Brasil de Rosa* que “o buriti não só faz um movimento ascendente, ele estabelece um vínculo entre as duas esferas, a

terrestre e a celeste, de modo a tornar uma no espelho da outra e poderem refletir mutualmente suas belezas”. (RONCARI, 2004, p. 191).

Desse modo, podemos pensar que, após sua morte, Diadorim, o buriti de Riobaldo, faz uma “troca” de esferas, pois troca o azul das águas das veredas pelo azul celeste. Deixa de se espelhar nas águas formando assim uma dualidade, para se tornar singular em sua vida.

O nome popular “buriti” é do gênero masculino, porém, seu nome científico *Mauritia flexuosa* é do gênero feminino. Tais nomes podem ser relacionados ao percurso de jagunço macho vivido por Reinaldo/Diadorim em todo o romance, mas que na verdade era uma mulher, Deodorina.

Além dessa relação do buriti com Diadorim e com seus olhos verdes, temos em *Grande Sertão: veredas* a palmeira buriti relacionada também à saudade.

2. A intertextualidade em *Grande Sertão: veredas*

“Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, é um poema cuja temática, própria do Romantismo brasileiro, mescla de nostalgia e nacionalismo o tema do exílio, da saudade da terra natal. Os símbolos poéticos aí criados funcionam ao mesmo tempo como símbolos nacionais. Gonçalves Dias compôs o poema cinco anos depois de partir para Portugal e criou insígnias na literatura brasileira, como a palmeira e o sabiá que, segundo Ivana Rebello, em *Papagaio conta história*, “se tornaram signos emblemáticos da pátria e de sua identidade literária”. (REBELLO, 2010, p. 17). Vejamos um trecho:

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
(...)
Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá. (DIAS, 2003, p. 19).

Esse poema foi reconstruído e renovado inúmeras vezes na história da literatura brasileira, fazendo com que ele seja sempre atual e sirva como referência em outros momentos da nossa história literária. Na maioria das reconstruções há características da terra natal, da natureza, de pássaros e de árvores, como a palmeira. Em *Grande Sertão: veredas* não é diferente; Riobaldo usa de uma palmeira, o buriti, para falar de saudade, quando está longe de seus Gerais:

Me deu saudade de algum buritizal, na ida duma vereda em capim tem-te que verde, termo da chapada. Saudades, dessas que respondem ao vento; saudade dos Gerais. O senhor vê: o remôo do vento nas palmas dos buritis todos, quando é ameaço de tempestade. Alguém esquece isso? O vento é verde. Aí, no intervalo, o senhor pega o silêncio põe no colo. Eu sou donde eu nasci. (ROSA, 2001, p. 306).

Outro momento saudoso é quando o jagunço está no Liso do Suçuarão, lugar que ele descreve não ter sombra, nem água e nem capim. Ao andar nesse “martílio” ele sente saudade de uma de suas namoradas, Otacília:

Moça que dava amor por mim, existia nas Serras dos Gerais – Buritis Altos, cabeceira de vereda – na Fazenda Santa Catarina. Me airei nela, como a diguice duma música, outra água eu provava. Otacília, ela queria viver ou morrer comigo – que a gente se casasse. Saudade se susteve curta. (ROSA, 2001, p. 67-68).

Vejamos que Otacília, moça de quem ele sentiu saudade, estava nas serras dos Gerais, mais precisamente nos Buritis Altos; mire e veja o nome, composto pela palmeira Buriti: “Conforme contei ao senhor, quando Otacília comecei a conhecer, nas serras dos Gerais, Buritis Altos, nascente de vereda, Fazenda Santa Catarina” (ROSA, 2001, p. 145). Otacília era “para ser dona de tantos territórios agrícolas e a dadas pastagens, com tantas vertentes de veredas, formosura dos buritizais” (ROSA, 2001, p. 268). Nesse local onde reside Otacília há muitas veredas e buritis, inclusive no nome.

Tania Franco Carvalhal em *Literatura Comparada* nos mostra que “a repetição (de um texto por outro, de um fragmento em um texto, etc.) nunca é inocente.” (CARVALHAL, 2004, p. 53). Além disso, ela acrescenta que

toda repetição está carregada de uma intencionalidade certa: quer dar continuidade ou quer modificar, quer subverter, enfim, quer atuar com relação ao texto antecessor. A verdade é que a repetição, quando acontece, sacode a poeira do texto anterior, atualiza-o, renova-o e (por que não dizê-lo?) o re-inventa. (CARVALHAL, 2004, p. 54).

O estado de “exílio” em que se encontrava Riobaldo fez com que ele retomasse o poema de Gonçalves Dias. Sobre tal assertiva nos diz Maria Zilda Cury *et al.* no livro *Intertextualidades: teoria e prática*, que “a retomada de um texto por outro(s), em qualquer literatura, inclusive brasileira, é, de qualquer forma, uma constante. A *Canção do Exílio* de Gonçalves Dias, por exemplo, já foi parafaseada e/ou parodiada em épocas diversas.” (CURY *et al.*, 1995, p. 22). Vejamos o trecho em que Riobaldo retoma a estrofe gonçalvina com a temática da saudade:

Buriti, minha palmeira,
lá na vereda de lá
casinha da banda esquerda,
olhos de onda do mar...(ROSA, 2001, p. 68).

Esse “Buriti” mencionado é a palmeira de Riobaldo, que remete a duas mulheres: no terceiro verso faz menção a Otacília, pois é ela quem tem sua casa-fazenda situada nos Buritis Altos: “casinha da banda esquerda”; no último verso, “olhos de onda do mar”, refere-se à Diadorim, como ele acrescenta logo após recitar tal poema: “Mas os olhos verdes sendo os de Diadorim. Meu amor de prata e meu amor de ouro.” (ROSA, 2001, p. 68). Como já foi

citado, Diadorim tinha olhos que atraíam Riobaldo; eram verdes, assim como a palmeira buriti. Desde o primeiro encontro, o que lhe chamou a atenção foram justamente os olhos e eles irão persegui-lo durante toda a trama:

Notei que a canoa se equilibrava mal, balançando no estado do rio. O menino tinha me dado a mão para descer o barranco. Era uma mão bonita, macia e quente, agora eu estava vergonhoso, perturbado. O vacilo da canoa me dava um aumentante receio. **Olhei: aqueles esmerados esmertes olhos, botados verdes, de folhudas pestanas, luziam um efeito de calma, que até me repassasse.** Eu não sabia nadar. (ROSA, 2001, p. 119-120 – grifo nosso).

Era o Menino! O Menino, senhor sim, aquele do porto do de-Janeiro, daquilo que lhe contei, o que atravessou o rio comigo, numa bamba canoa, toda a vida. E ele se chegou, eu do banco me levantei. **Os olhos verdes, semelhantes grandes, o lembrável das compridas pestanas,** a boca melhor bonita, o nariz fino, afiladinho. (ROSA, 2001, p. 154 – grifo nosso).

Que vontade era de pôr meus dedos, de leve, o leve, nos meigos olhos dele, ocultando, para não ter de tolerar de ver assim o chamado, até que ponto esses olhos, sempre havendo, aquela beleza verde, me adoecido, tão impossível. (ROSA, 2001, p. 62).

Não só o tema da saudade é comum no texto rosiano e gonçalvino, mas também os olhos verdes são um ponto comum na escrita desses poetas. Em outro poema de Gonçalves Dias “Olhos verdes”, temos um eu-lírico falando de um par de olhos verdes que conheceu; depois disso, nunca mais foi o mesmo. O poema tem como epígrafe versos de Camões, que também foi amante dos olhos verdes e sobre eles muito poetizou. Essa epígrafe é chamada de mote, cujo uso “é uma prática tradicional em literatura, estabelecendo o diálogo entre poetas às vezes separados por séculos” (CURY, *et al.*, 1995, p. 27). Seguem algumas estrofes:

Eles verdes são,
E têm por usança
Na cor esperança
E nas obras não.
(Camões)

São uns olhos verdes, verdes,
Uns olhos de verde-mar,
Quando o tempo vai bonança;
Uns olhos cor de esperança
Uns olhos por que morri;
Que, ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

Como duas esmeraldas,
Iguais na forma e na cor,
Têm luz mais branda e mais forte.
Diz uma – vida, outra – morte;
Uma – loucura, outra – amor.
Mas, ai de mi!

Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

São verdes da cor do prado,
Exprimem qualquer paixão,
Tão facilmente se inflamam,
Tão meigamente derramam
Fogo e luz do coração;
Mas, ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!

(...)

Como se lê num espelho
Pude ler nos olhos seus!
Os olhos mostram a alma,
Que as ondas postas em calma
Também refletem os céus;
Mas, ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi! (DIAS, 1980, p. 49-51).

Segundo Antônio Henriques Leal, amigo e primeiro biógrafo do Poeta brasileiro, esses versos foram inspirados em uma moça do Rio de Janeiro, com quem o Poeta teve um ligeiro namoro, assim como Riobaldo que namorou uma palmeira, conforme citamos. Nota-se que a moça de olhos verdes de quem o eu-lírico fala também possui características parecidas com as que Riobaldo atribui a Diadorim: “Uns olhos de verde-mar” (DIAS, 1980, p. 49) X “olhos de onda do mar...” (ROSA, 2001, p. 68); “Como duas esmeraldas/ Iguais na forma e na cor” (DIAS, 1980, p. 50) X “aqueles esmerados esmertes olhos, botados verdes” (ROSA, 2001, p.119-120); “São verdes da cor do prado/ (...) Tão meigamente derramam” (DIAS, 1980, p. 50) X “nos meigos olhos dele” (ROSA, 2001, p.62). Outro ponto a destacar é a mudança que essas mulheres de olhos verdes causaram na vida tanto de Gonçalves quanto na de Riobaldo, pois a partir do momento em que conheceu Diadorim, sua visão da natureza e do mundo que o cercava foi modificada.

No material disponível no IEB, Instituto de Estudos Brasileiros, encontramos entre os livros que pertenceram a Guimarães Rosa, *Obras Completas* de Luís Vaz de Camões e *Lírica de Camões*. Nesses livros são marcadas, de caneta azul, páginas que possuem redondilhas e sonetos e em que aparecem “olhos verdes”, inclusive o poema do qual Gonçalves Dias retira o mote. Chamou-nos a atenção uma nota de rodapé, grifada e realçada por Rosa, de Hernâni Cidade, na qual ele discorre sobre a predileção dos olhos verdes aos azuis: “nesta preferência dos olhos verdes aos olhos azuis, objeto do mesmo culto que os cabelos de ouro, que o petrarquismo¹ pusera em moda, põe o poeta, como mais de uma vez sucede, a realidade acima da convenção.” (CIDADE, in: CAMÕES, 1946, p. 3). Observe a estrofe em que Camões evidencia tal preferência:

Ouro e azul é a melhor

¹ Movimento literário em que a beleza da mulher era posta na combinação de cabelos loiros, pele branca e olhos azuis. Em Camões, Gonçalves Dias e Guimarães Rosa é confrontada essa tradição literária, pois os olhos verdes são colocados em destaque.

cor por que a gente se perde;
 mas, a graça desse verde
 tira a graça a toda a cor.
 Fica agora sendo a flor
 a cor que nos olhos tendes,
 porque são vossos ... e verdes! (CAMÕES, 1946, p. 3).

Camões também usa de outra adjetivação para os olhos: “Com vossos olhos Gonçalves/ Senhora, cativo tendes/ Este meu coração Mendes” (CAMÕES, 1946, p.67). Não se sabe o porquê dessa caracterização de “Gonçalves”, mas Hernâni Cidade, mais uma vez, nos lembra que não é a primeira vez que se usa um substantivo próprio para adjetivar os olhos. Vejamos:

Ficará ainda desta vez sem solução o enigma destas qualificações: *olhos Gonçalves* e *coração Mendes*. (...) Já foi lembrado que na Alemanha houve a designação de *olhos Bismarck*, como no Pôrto a de *olhos de henriques...* A filóloga ilustre D. Carolina Michaelis viu na palavra *Gonçalves* o trocadilho *com salves* (com saudações) (...). (CIDADE, in: CAMÕES, 1946, p. 67).

Essa nota também é destacada e sublinhada por Guimarães Rosa, ficando evidente seu interesse pelas adjetivações dos olhos, este que ganha em Camões a característica de *Gonçalves*, “*com saudações*”, e por que não pensarmos nessa expressão como “olhos com saudades”? O fato é que estudando este material do IEB, podemos verificar a influência de Camões tanto para Rosa quanto para Gonçalves Dias, este que teve seu primeiro sobrenome registrado na poesia camoniana.

3. Conclusão

Ao confrontarmos o poema “Canção do Exílio” de Gonçalves Dias com o poema de Riobaldo percebemos que ambos possuem uma “musicalidade” que é sugerida pelo ritmo e pelas rimas. Vejamos:

7 Mi/nha/ te/rra /tem/ pal/mei/ras A
 7 On/de/ can/ta o/ sa/bi/á B
 7 As/ a/ves/ que a/qui/ gor/jei/am C
 7 Não/ gor/ jei/ am/ co/mo/ lá B (DIAS, 2003, p. 19).

7 Bu/ri/ti,/ mi/nha/pal/mei/ra, A
 7 Lá/ na/ve/re/da/ de/ lá B
 7 Ca/si/nha/ da/ban/da es/quer/da, A
 7 o/lhos/ de/ on/da/ do/ mar B (ROSA, 2001, p. 68).

O número de sílabas em cada verso é o mesmo, a sonoridade semelhante, com predominância da vogal “a”. Gonçalves Dias usa a palmeira como símbolo da terra, colocando a beleza da terra brasileira, o “lá”, em plano superior ao das terras europeias. Riobaldo também coloca a beleza do Sertão e dos Gerais em destaque, usando também o “lá” para referir-se ao lugar e para colocar em evidência o seu distanciamento em relação a ele.

Podemos dizer então que os versos de Riobaldo/Rosa são um reflexo “idêntico” dos versos Gonçalves. *Grande Sertão: veredas* é uma narrativa visivelmente poética, escrita

num período em que o autor estava longe do Brasil. Não podemos deixar de pensar que, assim como Gonçalves Dias escreveu “Canção do exílio” para exaltar sua terra, Riobaldo escreveu uns versos para falar de suas veredas e Guimarães Rosa também escreveu uma obra, em que a poesia predomina, para falar de seu sertão, o sertão das Gerais.

Atevemo-nos dizer então que o buriti em *Grande Sertão: veredas* é também um símbolo de regionalismo, assim como na canção gonçalvina o sabiá e a palmeira são símbolos ligados à noção de brasilidade. Para Riobaldo, a palmeira buriti é sempre ligada às veredas, lugar onde reside Otacília e Diadorim, seus “olhos verdes”; já para Guimarães Rosa, o buriti, vegetal mais citado no romance, é símbolo de um Brasil que o próprio Brasil desconhece: o sertão.

Portanto, fica perceptível a pluralidade significativa da palmeira buriti em *Grande Sertão: veredas*, visto que ela vai ganhando significados que vão além da designação comum de uma planta. Tal palmeira é usada, como toda a natureza em Rosa, para construir e caracterizar o cenário, compor os cerrados, as veredas, mas também se relaciona afetivamente com os personagens, com o sertão e com os gerais.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, S. P. de; PROENÇA, C. E. B.; SANO, S. M.; RIBEIRO, J. F. *Cerrado: espécies vegetais úteis*. Planaltina: EMBRAPA-CPAC, 1998.

CAMÕES, Luís de. *Obras Completas*. Com prefácio e notas do Prof. Hernâni Cidade. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, v. 1, 1946.

CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura Comparada*. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.

CURY, Paulino; PAULINO, Graça; WALTY, Ivete. *Intertextualidades: Teoria e Prática*. Belo Horizonte: Editora Lê, 1995.

DIAS, Gonçalves. *Poemas de Gonçalves Dias: seleção, introdução e notas de Péricles Eugênio da Silva Ramos*. 15. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

DIAS, Gonçalves. *Gonçalves Dias: Poesia*. 10. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1980.

MEYER, Mônica. *Ser-tão Natureza: a natureza em Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

REBELLO, Ivana Ferrante. *Papagaio Conta a História*. São Paulo: Editora Scortecci, 2010.

RIBEIRO, Ricardo Ferreira. *Florestas Anãs do Sertão: o cerrado na história de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RONCARI, Luiz. *O Brasil de Rosa: o amor e o poder*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Disponível

em:

<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=868&sid=183>. Acesso em 26 de setembro de 2013.